

The logo for the University of Porto, featuring a stylized 'U' in a black square followed by the text 'U. PORTO' in a serif font.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR
UNIVERSIDADE DO PORTO

Relatório Final

Mestrado Integrado em Medicina Veterinária

PERCURSO ACADÉMICO E PROFISSIONAL

- PERCURSO DE VIDA -

Patrícia Susana de Lacueva Alves Pinto

Porto 2014

U. PORTO



INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR
UNIVERSIDADE DO PORTO

Relatório Final

Mestrado Integrado em Medicina Veterinária

PERCURSO ACADÉMICO E PROFISSIONAL
- PERCURSO DE VIDA -

Patrícia Susana de Lacueva Alves Pinto

Porto 2014

RESUMO

O presente relatório é resultado de nove anos de trabalho como Médica Veterinária. Mas não só. Resulta de uma reflexão sobre todo o meu percurso académico, da minha evolução como profissional nas áreas de Sanidade Animal e Clínica e Cirurgia de Espécies Pecuárias, mas também sobre mim. Descrevo as principais funções e actividades que desenvolvi, os desafios que enfrentei, e as perspectivas para o meu futuro profissional a curto prazo.

INDICE

INTRODUÇÃO.....	1
SOBRE MIM	3
PRECURSO ACADÉMICO	4
Escola Primária	4
Escola Preparatória.....	4
Escola Secundária	5
Universidade	6
PRECURSO PROFISSIONAL	8
Procura do primeiro emprego.....	8
Serviços de Desenvolvimento Agrário de São Miguel	8
Mudança de emprego	13
Cooperativa Agrícola e dos Produtores de leite de V. N. de Famalicão.....	13
OPP.....	16
Clínica e Cirurgia	19
CONCLUSÃO	23
ANEXO.....	25

INTRODUÇÃO

Como poderei eu descrever estes dez anos da minha vida como Médica Veterinária colocando meras letras num papel?... Sem chorar de desilusão ou soltar uma gargalhada de alegria, abrandar o discurso de cansaço ou acelerar de entusiasmo, berrar de desespero e dor ou ficar num silêncio de gratidão e felicidade?... Não tenho o dom, que os grandes escritores possuem, de juntar essas letras em palavras, e as palavras na magia duma escrita que transporte quem lê para a realidade que foi a minha vida como Veterinária. Estes dias que decorreram ficaram tão marcados no meu corpo e na minha alma, que é difícil serem relatados, deveriam ser sentidos, ou até mesmo vividos, para serem compreendidos. Mas, por outro lado, quem quererá saber como se sentem esses dias!? Que relevância tem para outras pessoas o conhecimento das minhas experiências!?

E como poderei falar do meu percurso profissional sem falar do meu percurso académico, sem falar da minha vida, sem falar do que eu sou e não apenas do que eu faço!?

Compreendo que o esperado desta reflexão possa ser a percepção da influência do percurso universitário no percurso profissional de antigos alunos, ou em que medida é que os conhecimentos e competências transmitidos na universidade se aproximam da realidade laboral ou até mesmo conhecer melhor as dificuldades sentidas pelos recém-licenciados na sua integração profissional. Pode-se mesmo esperar que transmita ideias ou conjecturas sobre como melhor adequar a aproximação destas duas realidades. Mas parece-me difícil que isso possa acontecer.

A minha entrada no mercado de trabalho já aconteceu há algum tempo. Embora admita que tenham surgido dificuldades e maus momentos não posso, no entanto, admitir que tenham sido por falta de conhecimentos transmitidos durante a minha formação universitária. Acho que saí muito bem preparada da minha escola. Por todos os sítios que passei durante o meu estágio, senti que os meus conhecimentos estavam à altura, senão mesmo até superavam os conhecimentos esperados. E durante estes anos de trabalho as maiores dificuldades nunca foram técnico-científicas mas sim, o mais das vezes, sociais.

Por outro lado, a minha natureza é mesmo assim, vejo sempre todas as experiências como ensinamentos. Costumo olhar para o passado para analisar o que podia ter sido diferente, não procurando os problemas nos outros mas sim o que podia ter feito eu de diferente. Parece-me muito recorrente na natureza humana a procura de desculpas, culpas alheias, responsabilidades de outros que não nossas.

A única coisa que posso fazer nesta reflexão é mostrar como o percurso de uma vida é traçado por nós desde muito cedo. As nossas características de personalidade, os exemplos que seguimos de algumas pessoas que nos marcam, a dedicação e o esforço com que nos empenhamos nas várias facetas da vida, as escolhas e decisões que tomamos, os valores que prezamos é que definem quem somos e não os títulos, cargos, ou bens. Muito menos aquilo que se diz ser capaz de fazer, mas sim o que na realidade se faz.

Quanto à adequação dos conteúdos leccionados nas universidades à realidade do mercado de trabalho, penso que o melhor caminho será através de parcerias entre as Empresas, até o próprio Estado e as Universidades. Só assim é possível aferir as necessidades reais de forma directa, verdadeira e concreta e não por opiniões pessoais de dificuldades individuais ou de representantes da classe que falam alegadamente por todos, quando na realidade os tentáculos do poder económico e político os alcança. E claro que quando falo em parcerias com o Estado, estou a falar de um Estado utópico que não existe neste momento nem existirá tão cedo em Portugal, e referindo-o pelo facto de que um grande número de actividades que a nossa classe desempenha estão ou deveriam estar sob a sua alçada directa, tais como a Sanidade Animal, a Saúde Pública Veterinária, a Inspeção Sanitária, entre outras.

"As únicas coisas que valem a pena serem ditas são as que esquecemos, tal como as únicas coisas que valem a pena serem feitas são as que surpreendem o mundo."

Oscar Wilde

SOBRE MIM

Uma tripeira, com uma costela transmontana e outra minhota.

Filha única, e menina certinha da família. Sempre companheira de aventuras dos primos, todos rapazes, fossem elas durante os verões nas enormes ondas das praias nortenhas, em fins de verão nos socalcos quentes das vinhas durienses, ou durante os invernos transmontanos nos olivais íngremes e frios. Sem grande contacto com os animais, durante a infância e juventude, a não ser os cães de caça e um "macho" utilizado como força motriz em alguns trabalhos do campo dos meus únicos avós, os transmontanos.

Durante a adolescência viajei, joguei ténis, frequentei uma escola de danças de salão durante 3 ou 4 anos, algumas das minhas paixões. Arrependo-me de não ter aprendido a tocar um instrumento musical e de não ter aprendido mais línguas, apesar de dominar bem a língua inglesa. Estes foram anos muito felizes, com muito estudo mas também muito divertimento, em que conheci o amor da minha vida, um rapaz lindo e rebelde, que desejei para companheiro de vida desde o primeiro dia em que falamos e que exigiu de mim muita perseverança para o conquistar. Mas conquistei, casei e tive dois filhos maravilhosos, com esse grande amor da minha vida!

Citadina por obrigação laboral dos pais e mais tarde do marido. Mas com um enorme amor pela liberdade do campo, e pela simplicidade complexa da Natureza.

"Apenas em torno de uma mulher que ama se pode formar uma família."

Friedrich Schlegel

PRECURSO ACADÉMICO

Escola Primária

Durante a Primária frequentei um Externato privado, período de tal forma relevante da minha vida, que guardo memórias fortíssimas desses dias como se tivessem sido vividos ontem. Lembro-me de todos os espaços, do medo de fazer o pino contra a parede como as outras meninas, de brincar com os bichos da conta com os rapazes, das escadas em que me sentava a aguardar a partida do transporte que me levava a casa. Ainda hoje me lembro dos nomes de todos os coleguinhos de classe, e apesar de ter perdido o contacto com eles, as suas caras estão tão presentes no meu cérebro que os reconheço quando me cruzo com algum! Mas a lembrança mais valiosa que guardo é a do meu querido professor Luís. No fim da 3ª classe surgiu uma mudança na vida dele e teve que nos deixar. Lembro-me de sentir pela primeira vez a tristeza que se sente quando se perde alguém muito importante... Foi um exemplo de amor com rigor, de dedicação com trabalho, de exigência com respeito, apelando sempre à igualdade e humanidade. Julgo que esses anos moldaram e condicionaram os meus valores mais intrínsecos como pessoa.

Fui uma aluna regular, sem nada a destacar.

Escola Preparatória

O Ciclo Preparatório foi bastante diferente, pois frequentei uma Escola Preparatória pública, onde a minha mãe estava destacada há alguns anos. Tenho muito menos memórias, quer dos colegas, quer dos professores. Lembro-me muito bem do primeiro namorado, de me deparar com a complexidade das relações interpessoais e com as diferenças entre classes, e de ser considerada diferente por alguns dos alunos da escola. Não era a única nessas circunstâncias e nunca me senti nem mais, nem menos que os outros. A memória mais marcante desses dois anos é a sensação de vigilância permanente que me perseguia. Sem que a minha mãe tivesse tido qualquer intervenção voluntária, sentia que todos estavam atentos ao que eu fazia. Professores amigos da minha mãe, funcionários que a conheciam, vizinhos, pois a escola era perto de casa, e principalmente os seus alunos. Até o meu namorado era aluno dela! Alguns anos antes de surgirem os "reality show" já eu vivia o meu próprio "Big Brother". Foi aí que se agudizaram alguns dos meus traços de personalidade mais marcantes que me acompanham na vida. Medo de falhar ou desiludir e com isso: elevado sentido de responsabilidade, auto-exigência e auto-avaliação, busca incessante da perfeição.

Como resultado final, um permanente sentimento de insatisfação. Fiz a minha primeira grande amizade com uma das pessoas mais inteligentes que conheci na vida e que me deu a conhecer um mundo que não sabia que existia: o mundo da Filosofia! Para mim ele era um génio, e o seu percurso académico e profissional provaram-no!

Fui muito boa aluna, e recebi um prémio monetário da Junta de Freguesia de Massarelos por ter sido considerada a melhor aluna da freguesia. Uma injustiça para com outros alunos bem mais inteligentes do que eu, uma vez que o critério era apenas o resultado final obtido no terceiro período à totalidade das disciplinas e eu obtive classificação máxima em todas.

Escola Secundária

Fiz o liceu numa Escola Secundária pública um pouco diferente das outras, pois mantinha traços herdados do tempo das Escolas Industriais. Alguns dos meus professores consideravam que tinha aptidão especial para a disciplina que lecionavam! Mal imaginavam o trabalho e dedicação que estavam por trás de cada nota obtida. E na realidade, a área das ciências, mais especificamente as disciplinas laboratoriais, eram o que verdadeiramente me fascinava. Aptidão natural, só para o que envolvesse trabalhos manuais, ou seja, nasci com "jeito de mãos": Trabalhos Oficiais, Electrotecnia, Quimicotecnica, Técnicas Laboratoriais de Biologia, Geometria Descritiva e Desenho. Era bastante participativa nas actividades curriculares e extracurriculares da escola: grupos de leitura, folclore, provas desportivas, grupo de intercâmbios. Fui à Bélgica e a Itália no âmbito dum projecto europeu que envolvia intercâmbio de alunos de Portugal, Bélgica, Itália e Grécia e a realização de trabalhos relacionados com a ecologia, e protecção do ambiente. O trabalho português foi sobre o mar e a protecção da fauna e flora da costa marítima portuguesa.

Terminei o ensino secundário com média final de 18 valores. Apesar de sempre ter dito à minha mãe que queria realizar três licenciaturas consecutivas e bem distintas, Medicina, Arquitectura e Direito, (afirmação que a deixava orgulhosa!) quis o destino que fosse parar à Medicina Veterinária. E, embora não tivesse sido a minha primeira opção, estava confiante que com esta licenciatura poderia enveredar por vários caminhos e poderia desenvolver um bom percurso profissional. Ao contrário da maioria dos candidatos, sabia da panóplia de áreas que abrangia. Conhecia três Médicos Veterinários com carreiras de sucesso completamente distintas e nenhum deles na área da Clínica de Animais de Companhia, que é a área mais pretendida. Já naquele tempo se falava na dificuldade de encontrar um emprego que garantisse um bom futuro, e isso esteve sempre presente no meu pensamento e condicionou todas as minhas decisões.

Universidade

Quando entrei no ICBAS para me inscrever no primeiro ano da faculdade senti-me orgulhosa, com um friozinho na barriga de ansiedade dado o desconhecido que me aguardava, mas com a confiança inocente da juventude. Se eu chegara até ali, poderia ir até onde quisesse. Mas uma marca de fogo queimou a minha alma. Uma doença surgiu no corpo da minha avó, doença de tal forma grave que contagiou toda a família. Ela era um alicerce, uma parede mestra... e o porto seguro da alma de quase todos os membros da família. Porque há pessoas assim, enormes, poderosas, com o dom de mostrar aos que a rodeiam, a simplicidade, alegria e verdadeira importância da vida. Ela partiu! A nossa família sarou, mas nunca recuperou totalmente da sua perda. E a minha vida nunca mais foi igual, sem aquele porto seguro. Andei à deriva... O primeiro ano da faculdade foi mesmo assim, à deriva como uma naufraga perdida no oceano, mas não chumbei a cadeira alguma. Demorou algum tempo a perceber que tinha que voltar para o leme do barco e encontrar o norte. E que para isso tinha que saber ler as estrelas! Algumas já conhecia, mas havia ainda tantas para aprender a reconhecer! Senti o curso como uma pequena tempestade, uma sucessão de ondas maiores ou menores que foram as aulas, as frequências, os trabalhos práticos, as monografias, as épocas de exames, as idas e vindas entre o Porto e Vairão. O meu sentido de responsabilidade e exigência, mas principalmente o terror de desiludir, obrigavam-me a não desistir. A continuar a navegar naquele mar, sempre com a esperança que o meu esforço me permitiria aguentar à tona até a tempestade abrandar. E abrandou, no dia em que vi na pauta a nota da última cadeira. E surgiu uma fase de tranquilidade!

Pensei que poderia fazer do meu estágio curricular o passo mais importante na preparação para o futuro mais próximo, pois seria o primeiro contacto com a vida profissional. Depois de escolhas, planos, contactos, marcações de viagens, procura de alojamento, finalmente rumei ao estágio tão desejado! E que maravilhoso que foi! As águas estavam serenas e cristalinas, sem a pressão das avaliações, com o entusiasmo de pôr à prova conhecimentos e competências, sem o peso da responsabilidade por haver um orientador ao leme, com a alegria de quem quer sempre aprender mais, e com a esperança de que as escolhas e sacrifícios feitos até então, trariam benefícios no futuro.

Decidi fazer o meu estágio curricular quase na totalidade fora do país e tracei como principais objectivos os que se seguem:

- conhecer os meus limites e ultrapassá-los,
- vencer os meus medos e inseguranças,
- transpor barreiras de género,

- adquirir conhecimentos diferenciados e ainda pouco explorados no mercado de trabalho,
- aumentar a possibilidade de conseguir um emprego junto de colegas com experiência na área.

O estágio teve a duração de nove meses e os locais por onde passei foram:

- Hospital Veterinário - departamentos de Medicina Interna e de Reprodução de bovinos - Universidade de Medicina Veterinária de Hannover – Hannover, Alemanha
- Clínica veterinária de grandes animais “Mid Valley Large Animal Service Inc.” - Califórnia, E.U.A
- Laboratório de qualidade do leite do Centro de Investigação e Ensino de Medicina Veterinária da Universidade da Califórnia, Davis – Califórnia, E.U.A.
- Laboratório Central de qualidade do leite da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Cornell – Nova Iorque, E.U.A.
- Clínica Veterinária “MPL Vet” (Medicina da Produção Leiteira - Veterinária) – Tocha, Portugal

Terminei o estágio a 27 de Julho de 2003, tendo apresentado e defendido publicamente, a 8 de Janeiro de 2004, o relatório de estágio que teve como tema - "Qualidade do Leite - Aspectos do Diagnóstico". Obtive a nota final de estágio de 17 valores, tendo o curso ficado concluído com média final de 14 valores.

Finalmente mais uma etapa da minha vida estava ultrapassada. A ansiedade pela incerteza que se avizinhava quanto ao futuro profissional superava amplamente o alívio pelo término desta epopeia universitária. Tinha dado tudo por tudo para conseguir os estágios que realizei, apostei alto, não só quanto aos locais mas também quanto às tarefas a executar durante minha permanência nas instituições que me acolheram. Julgo que não defraudei as expectativas de quem me recebeu, pois fui convidada para ficar a trabalhar na Clínica "Mid Valley" - Califórnia e no Laboratório em Cornell - Nova Iorque.

Apesar de recordar a universidade como um tempo de águas revoltas, guardo memórias de bons momentos entre amigos, de professores que marcaram e serviram de exemplo para definir objectivos profissionais e pessoais. Foi o tempo em que aprendi a reconhecer a grande maioria das estrelas, a usar as ferramentas disponíveis para poder navegar e a conduzir o leme do barco com mais confiança, nesta viagem que é a vida!

"Não ande apenas pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde os outros já foram."

Alexander Graham Bell

PRECURSO PROFISSIONAL

Procura do primeiro emprego

Quando terminei o curso não tinha emprego à minha espera, e apesar de sentir um medo enorme de ficar desempregada durante muito tempo, tinha a esperança que o meu percurso académico fosse valorizado. Enquanto procurava trabalho, voluntariei-me para trabalhar no Hospital Veterinário Montenegro, não só para contactar com a clínica de animais de companhia, como também para manter a cabeça ocupada e não pensar demasiado no desemprego. Decidi também traçar objectivos mais pessoais: já namorava há oito anos, o Nuno já tinha emprego, a distância fortalecera a nossa ligação, e a disponibilidade de tempo levou-nos a marcar casamento para Setembro desse ano. Mas, numa tarde de Março, recebi um telefonema do meu Orientador de estágio curricular, informando-me da necessidade de dois médicos veterinários para os Açores. Tratava-se de um contrato de um ano para trabalhar na campanha de vacinação da Brucelose Bovina com RB51® do efectivo bovino da ilha de São Miguel. A situação exigia urgência pois sabia que havia mais colegas ansiosos por uma oportunidade. Já tinha a decisão tomada na minha cabeça mas antes de dar a resposta tinha que fazer três telefonemas: ao Nuno para pedir desculpa pelo adiamento do casamento, aos meus pais a pedir mais um sacrifício para a compra do bilhete de avião, e ao meu primo para lhe dizer que as vagas eram duas! E no meio de lágrimas, soluços, risos, melancolia e entusiasmo, rumei às ilhas!!!

"É preciso coragem para crescer e nos tornarmos naquilo que realmente somos. "

E.E.Cummings

Serviços de Desenvolvimento Agrário de São Miguel

Chegada à ilha de São Miguel, fui trabalhar para a Divisão de Sanidade Animal e Higiene Pública Veterinária dos Serviços de Desenvolvimento Agrário de São Miguel. A função que desempenhei foi de Executora de actividades de Sanidade Animal e Higiene Pública Veterinária. E embora o previsto fosse um contrato a termo certo de um ano, esta experiência profissional acabou por ter a duração de apenas cinco meses. Recordo-a como se tivessem decorrido cinco anos, dada a intensidade, riqueza e variedade de conhecimentos, aventuras, amizades...

A Dra. Filomena, Chefe de Divisão na época, recebeu-nos, a mim e aos restantes recém-contratados, apresentou-nos os colegas Dr. Carlos Pinto, o saudoso Dr. Trindade e a Dra. Carla, o grupo de Técnicos Auxiliares de Campo (demasiados para me recordar do nome de todos), e levou-nos para o campo, para vacinar animais. Chegados do campo, levou-nos à sala onde o material era limpo, guardado e as vacinas armazenadas; ao gabinete onde a informação de campo era informatizada; ao laboratório onde as amostras eram processadas; e a um gabinete com três secretárias, que passaria a ser o nosso. Lembro-me bem de ter reparado num enorme maço de papel pousado nas secretárias que só mais tarde vim a constatar tratar-se de legislação relativa ao trabalho que se fazia nos Serviços. A partir daí, estávamos por nossa conta!

Durante os primeiros dias, a rotina de trabalho era simples: chegava aos Serviços e dirigia-me à sala dos Técnicos para ver num quadro onde estava afixada a planificação do trabalho, a brigada e o lugar que me estavam atribuídos. Preparava o meu material, galochas, fato-macaco, impermeável, seringa, mala-térmica com a vacina, entrava para o jipe da minha brigada e ia para o campo. Chegava do campo, limpava e arrumava o meu material, ia até à sala dos Técnicos e ajudava-os na informatização dos dados. Outras vezes ia ao laboratório para aprender o que se fazia por lá e ver se podia ajudar em alguma tarefa.

No início não compreendia os critérios de planificação do trabalho e a selecção da correspondência veterinário/brigada/lugar. Com o tempo, e em conversa com os meus colegas, percebi que havia bastantes diferenças quanto a:

- distância,
- local onde se encontravam os animais,
- dificuldade em executar as tarefas de vacinar e colher amostras de sangue,
- número de vacinações e colheitas feitas,
- hora de chegada aos serviços.

Nessa altura não me importava com nada disso, pois não era da minha responsabilidade, e admito que até achava piada às disputas que havia entre as brigadas na selecção do veterinário, pois sentia que era uma forma deles mostrarem que gostavam de nós e do nosso desempenho. A Chefe de Serviço teve que intervir e a escolha do veterinário passou de diária a semanal, para não se perder tanto tempo todos os dias de manhã. Passaram a ser segundas-feiras animadas!

Havia dias mais fáceis e dias mais difíceis, mas recordo que quase todos eram dias de aventura dignos de livro, como os que alguns dos mais célebres colegas já publicaram. As viagens para os lugares mais recônditos da ilha eram, por si só, uma aventura. Estradas com

curvas e contra-curvas perigosas, vegetação luxuriante, paisagens naturais inesquecíveis com o oceano sempre presente. Plantações de chá a riscar algumas encostas, animais a pontilhar o verde vivo da erva... uma beleza difícil de descrever. Mas a verdadeira aventura era mesmo o trabalho. A maior parte das vezes tínhamos que sair das estradas e dos caminhos rurais para chegar até aos animais. Se chegássemos ao destino cedo, ainda durante a ordenha, o trabalho estava facilitado, pois os animais estavam todos perto da máquina de ordenha móvel. Bastava estacionar o nosso jipe de um dos lados da máquina e o tractor do produtor do outro, formando um "u", para onde as vacas eram empurradas até ficarem estáticas pela falta de espaço. Se chegássemos mais tarde, os animais já estavam dispersos pelo monte e a tarefa de os reunir era mais árdua. A estratégia mais utilizada, mas nem sempre eficaz, era ligar a máquina de ordenha: as vacas meigas vinham para receber festas, as mais gulosas vinham para comer ração, a maioria vinha porque as outras vinham e a mais tímidas e inteligentes simplesmente não vinham! Eram estas, as que nos davam dores de cabeça, e de pernas! No caso das novilhas era sempre difícil. Para além de muito mais ágeis e ariscas que as vacas, eram insensíveis ao estímulo do ruído da máquina de ordenha e geralmente estavam em terrenos mais inacessíveis, em encostas muito íngremes, voltadas a norte e de topografia irregular. Primeiro, porque não era necessário o produtor ir para perto delas todos os dias pois ainda não estavam em produção; segundo, porque eram o grupo de animais menos valorizado e conseqüentemente menos cuidado, e por fim por se tratarem de terrenos muito expostos aos ventos do norte ou demasiado íngremes, o que os tornava menos propícios a serem trabalhados. Neste caso a estratégia mais eficaz era cercá-las, encaminhá-las até uma canada (caminho estreito entre duas paredes altas feitas de pedras negras) que servia de manga, obrigando-as a entrar num atrelado. Os atrelados eram de grandes dimensões, com grades em todos os lados e no topo, tipo gaiola, pois para além de correrem bem, as "gueichas" saltavam ainda melhor. Mais uma vez, era a falta de espaço que fazia as novilhas ficarem paradas. As vitelas e os poucos novilhos que eram criados (a maioria dos machos eram vendidos para recria ainda em vitelos) estavam em lugares tão recônditos quanto as novilhas, mas estavam presos com corda e estaca ao chão o que facilitava a tarefa de os agarrar.

Assim, em pouco tempo aprendi que quando dizia vacas no quadro das tarefas era sinónimo de:

- trabalho de intensidade leve a moderada,
- risco ligeiro de coice,
- "molha" da cinta para baixo,
- probabilidade de calcadelas elevada,
- hora de chegada aos Serviços dentro do horário previsto.

Já quando dizia "queichas" sabia que o que me esperava era bem diferente:

- trabalho pesado,
- risco elevado de coice,
- "molha" até à roupa interior,
- dores de braços e ombros como bonificação pelo trabalho extra de trepar as grades do atrelado,
- hora de chegada completamente imprevisível.

Também aprendi que Nordeste, Furnas, Sete Cidades (e outros lugares que já não recordo os nomes) indiciava: viagem longa e vocabulário novo para decifrar, paisagens magníficas, almoços fabulosos em estabelecimentos de restauração inacessíveis a turistas ou visitantes, máximo de trabalho possível para aproveitar a deslocação, regresso silencioso de cansaço.

Inicialmente a única tarefa que me competia executar era vacinar todos os animais do rebanho; os restantes elementos da brigada (geralmente eramos 3 pessoas) tinham que proceder à colheita de sangue de todos os animais e anotar na folha de campo a identificação dos animais intervencionados. Não sabia praticamente nada de Sanidade Animal mas a identificação animal foi logo o primeiro problema sentido. Muitos animais não possuíam marca auricular, e nesse caso o dono identificava-os (quase todas as vacas em produção tinham nome próprio!) ou atribuíamos uma letra. Ao fim do dia, quando ordenávamos os tubos de soro pelo número de ordem, deparávamo-nos com várias letras por decifrar e vários soros cuja análise não poderia ser atribuída ao animal correspondente. Pode parecer um pormenor irrelevante, mas os anos de experiência em Sanidade Animal mostraram-me que a identificação animal é um dos pontos críticos a considerar em qualquer plano de controlo e erradicação duma doença. Assim só anos mais tarde compreendi todas as consequências negativas inerentes a uma identificação incorrecta ou falsa.

Ao fim do primeiro mês de vacinação intensiva, surgiu um novo problema que veio a tornar o trabalho quase impossível de executar: casos de aborto com expulsão do feto nos dois primeiros dias após vacinação. A notícia voava entre os produtores que passaram a dificultar ao máximo a nossa intervenção. Primeiro, começaram por retirar as marcas auriculares dos animais mais valiosos, pois alguém os informou que os animais que não possuíam identificação já não seriam intervencionados. Na realidade, a indicação que recebemos foi para que os animais sem identificação não fossem sujeitos a colheita de sangue, até serem novamente identificados, mas a vacinação mantinha-se. Mais tarde, passaram a esconder animais que consideravam mais valiosos. Recebemos novas indicações, para tentar não

agravar as dificuldades na execução das tarefas: não vacinar vacas gestantes no último terço de gestação, devendo ser vacinadas na visita seguinte. Mesmo assim tornou-se cada vez mais difícil agendar visitas às explorações e mais recorrente a desmarcação de trabalhos já agendados. Foi uma época difícil, principalmente para quem tinha a responsabilidade de tomar decisões quanto à implementação em campo das directivas sanitárias que a região estava obrigada a cumprir. Mas nessa altura isso nem passava pelos meus pensamentos pois sabia muito pouco sobre coordenação e aplicação das normas de Sanidade Animal, mesmo depois de ter estudado a documentação que nos foi entregue. O que me interessava era "por a mão na massa", ir para o campo, ver animais, colher sangue, vacinar e trazer de volta aos serviços muitos frascos vazios da vacina RB51® e muitos tubos de soro, pois era sinal de missão cumprida.

Mas começaram a surgir mais tempos livres, sem vacinas para fazer, sem dados para inserir no sistema informático, e sem soros para ajudar a executar os testes Rosa Bengala e Fixação de Complemento. Foi por essa altura que aquele maço de papel que estava nas nossas secretárias começou a aumentar e as nossas tarefas passaram a ser mais diversificadas. Passei a fazer vários tipos de vistorias: aviários, cuniculturas, empresas de transformação de carnes, matadouros, postos de recolha de leite, serviços alfandegários de importação e exportação alimentar. Fui obrigada a actualizar o meu conhecimento em variadíssimos Decretos-Lei e Portarias, assim como, relembrar dos tempos da faculdade, a sonolência associada à leitura daquele tipo de literatura! Mas adorei pois aprendi muito sobre diversos assuntos que não sabia estarem sob a alçada do médico veterinário e passei a conhecer a Ilha de São Miguel como muitos micaelenses não conhecem!

O tempo que lá passei foi curto mas "soube a muito". Passados estes anos recordo com muita saudade aqueles 5 meses de trabalho. Conheci o esforço físico que algumas funções e tarefas obrigam. Aprendi a valorizar os ensinamentos de pessoas com menos conhecimentos teóricos mas muitos anos de experiência prática. Descobri que é possível sentir as quatro estações do ano no mesmo dia. Percebi como as distâncias são tão relativas, pois conheci pessoas que nunca tinham saído do lugar em que nasceram para irem a Ponta Delgada, quanto mais irem a outra ilha. Comi lapas e bebi Kima® de maracujá. Vivi num dos paraísos deste nosso fantástico país. Fiz amizades duradouras. E ainda trouxe um pequeno tesouro insular: foi uma prenda de aniversário dos meus amigos micaelenses, um grande companheiro de vida, de uma dedicação, doçura, e meiguice inigualáveis - o meu gato siamês Óscar!

"A saudade é a memória do coração."

Coelho Neto

Mudança de emprego

Um anúncio no Jornal de Notícias que me foi enviado por e-mail pelo meu namorado, veio dar uma reviravolta na minha jornada insular. Uma vaga para um Médico Veterinário na Cooperativa de Vila Nova de Famalicão! Enviei o meu curriculum vitae e em poucos dias fui contactada pela gestora da Cooperativa que teve a amabilidade de aceitar uma entrevista de recrutamento peculiar via telefónica. O meu coração disparou, a minha cabeça começou a trabalhar a todo o vapor, respondi que sim a tudo o que me perguntavam, pois só pensava que aquela era a minha hipótese de regressar a casa com emprego. E assim foi, os ventos estavam a meu favor e rumei ao Continente.

"Uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida."

Sócrates

Cooperativa Agrícola e dos Produtores de leite de V. N. de Famalicão

Comecei a trabalhar na cooperativa oficialmente a 1 de Novembro de 2004 mas na realidade nas duas últimas semanas de Outubro já fui trabalhar. Recordo-me como se fosse hoje, o nervosismo que sentia cada vez que tinha que esclarecer os meus familiares que ia mesmo trabalhar para uma cooperativa agrícola, que ia mesmo trabalhar com vacas, que ia mesmo trabalhar para Famalicão e que ia mesmo fazer o caminho de ida e volta diariamente. Até aí, todas as minhas decisões tinham sido vistas pelos meus pais como coisas temporárias. Mas agora, que era um contrato de trabalho sem termo, suficientemente perto de casa para ser visto como definitivo (porque para a geração dos nossos pais os empregos eram para a vida!) a ideia de ver a menina certinha da família a trabalhar no campo com animais grandes, deixava todos um pouco preocupados, em especial o meu querido pai!

Lembro-me de ter ido com o Nuno no domingo anterior, ver onde ficava a cooperativa e estudar qual seria o melhor caminho para lá chegar. Estava a tremer de ansiedade, com receio de ter criado demasiadas expectativas na gestora e chegar "à hora da verdade" e não ser capaz de executar o que esperavam de mim. Por outro lado, como não tinha grande experiência de condução, a distância entre o Porto e Famalicão parecia-me demasiada para ser feita diariamente. E na primeira manhã que fiz a viagem sozinha, tive mesmo um pequeno acidente, coisa que jamais poderei esquecer, pois achei que talvez fosse aquele o meu destino. Tal como a minha mãe, não tinha grande aptidão para a condução! Bateram-me no carro por trás e só não cheguei atrasada, porque fui para lá de madrugada. Depois desse pequeno incidente, e excluindo uns rabiscos e um toquezito no carro da frente, numa das incontáveis, e

eternas filas de trânsito da "VCI", nunca mais tive qualquer acidente. Graças a Deus, afinal saí ao meu pai!

Lembro-me de todos os pormenores dessa primeira manhã: eram 8 horas da manhã, a cooperativa estava fechada e um grupo de homens estava junto ao portão em conversa animada. O olhar de alguns denunciava que estavam a questionar-se se seria eu a nova veterinária. Chegou um carro que abriu o portão e entrámos todos. Do carro saiu a minha colega que me recebeu e apresentou ao grupo. Prepararam as viaturas de trabalho e partimos de imediato para o campo. Eu fui com ela. Passamos a manhã a tuberculinizar animais. Na realidade não intervencionamos muitos animais, pois visitámos muitas pequenas explorações com um ou dois animais (mais tarde pude perceber pelo Edital que a actuação estava a decorrer em freguesias com bastantes explorações mas poucos animais). A manhã pareceu durar uma eternidade!. Só à hora de almoço é que entrei na cooperativa e conheci a outra colega da equipa, a gestora e um dos directores. Durante a tarde saí novamente com a colega para fazer as consultas que, entretanto, tinham surgido.

As primeiras 3 semanas foram assim. As manhãs começavam sempre às 8 horas na cooperativa para ir buscar as carrinhas, as malas térmicas com a Tuberculina aviária e mamífera, vacinas e qualquer outra coisa que não tivesse ficado preparado de véspera, e partíamos para o campo. Começávamos por visitar as explorações em que era necessário proceder à leitura dos resultados da Prova de Intradermotuberculinação Comparada (IDTC), e só depois é que passávamos às explorações calendarizadas para o dia. Uma vez nas explorações todos os animais eram contidos, identificados, intervencionados de acordo com as directivas em vigor, todos os boletins sanitários individuais eram conferidos e todas as informações registadas nas folhas de campo. Para além das intervenções obrigatórias, a pedido do detentor dos animais, também procedíamos à desparasitação ou vacinação para IBR, BVD, Clostridioses ou outras patologias previamente diagnosticadas, se o calendário vacinal coincidissem. Só no fim deste trabalho agendado é que podia acompanhar a colega nas consultas dos animais doentes ou visitas para diagnósticos de gestação.

Surgiu então o primeiro fim-de-semana de serviço sozinha, pois a minha colega iria a uma acção formativa. Fiquei com a viatura dela e fiz as consultas que apareceram. Uma fotocópia de um mapa das estradas principais de Famalicão, um telemóvel com um ou dois contactos fundamentais para me auxiliar nos caminhos rurais, um caderninho onde estavam anotados os nomes comerciais correspondentes aos princípios activos dos medicamentos presentes na mala do carro, um simpósio terapêutico, o Manual Merck, alguns fatos de macaco, galochas, estetoscópio, termómetro, foi o que levei de meu. Rezei para não me surgir nenhuma cirurgia de Deslocamento de Abomaso à Direita (DAD) ou Cesariana. E não apareceu! Passei

a manhã de sábado a fazer consultas. À tarde acho que não fiz nada. No domingo recordo-me bem que tive uma hipocalcémia à tarde, e à noite, quando estava a tomar um duche para depois ir dormir, a minha mãe levou-me o telemóvel que não parava de tocar. Um teto cortado a jorrar sangue! O meu querido pai não me deixou ir sozinha. Estava a chover imenso. A exploração não era uma das que eu já conhecia. Tive que parar para reabastecer o gasóleo, pois a luz da reserva estava a deixar o meu pai em pânico. Afinal o teto estava de tal forma lacerado que logo me pareceu ser de difícil resolução e mau prognóstico. Mas como eu compreendi que o produtor não estava interessado na verdade, e sim, em tentar salvar um teto duma vaca recém-importada valiosíssima, lá tentei dar o meu melhor. Visto que sempre tive jeito para a costura, consegui deixar o teto com um aspecto aceitável, embora mantivesse o mau prognóstico inicial. No caminho de regresso a casa, o silêncio e o olhar do meu pai transmitiam tudo o que lhe ia na alma: "como é que a minha menina veio parar a este trabalho!?". Eu, apesar de cansada e com sono, vinha de lá satisfeita pois sentia que tinha feito um bom trabalho.

Depois desse fim-de-semana devo ter passado num teste secreto, pois deram-me um carro e um telemóvel, a minha colega ajudou-me a comprar o material cirúrgico e a abastecer o carro na farmácia da cooperativa. Começou assim a minha jornada como médica veterinária da cooperativa. Anos mais tarde vim a perceber que a gestora já tinha procurado os auxiliares de campo e alguns produtores, para saber a sua opinião sobre o meu trabalho. Se teria "jeito para a coisa", se iria aguentar o tipo de trabalho, resumindo, se estava aprovada. Em poucos anos tinham sido feitas três contratações, uma das colegas já tinha saído, e outra estava sob o risco de o fazer, portanto era importante para ela saber se ia ser mais um caso semelhante ou se podia investir num projecto mais duradouro. Até pouco tempo antes da minha contratação não havia um serviço de clínica e cirurgia 24h por dia que agora passaria a ser disponibilizado aos associados. Assim, com a minha contratação ficou definido que eu seria a responsável pela Secção de Defesa Sanitária, assumiria o cargo de Coordenação da Organização de Produtores de Pecuária (OPP), e em conjunto com apenas uma das outras colegas, seria executora da OPP e prestaria o serviço de clínica, cirurgia e visitas reprodutivas. A mesma colega era ainda a responsável pelo Serviço de Inseminação Artificial e pela Farmácia (Posto de venda directa de medicamentos). A terceira colega, ao fim de algum tempo, deixou a cooperativa.

Tanto para contar da minha vida como veterinária da cooperativa que não sei o que dizer ou por onde começar. As aventuras e desventuras, alguns episódios cómicos e outros sem piada alguma, davam para escrever um livro. Sinto que foi a fase mais difícil, mas ao mesmo tempo mais gratificante da minha vida, até agora.

Difícil, por toda a responsabilidade que tinha em mãos. Por ter que coordenar o trabalho de terceiros. Por ter que apresentar resultados positivos em várias áreas ao mesmo tempo. Por todo o esforço físico que implicou. Pelo tempo que foi necessário dedicar. Pela presença constante dum telemóvel ligado 24h por dia, pronto a tocar a qualquer momento. Pela chuva, vento, calor e todas as outras condições físicas, geográficas ou estruturais, que não nos podem impedir de fazer o trabalho. Difícil por tantas outras circunstâncias... Por ter acompanhado o meu pai numa luta injusta, grávida do meu primeiro filho e sem nunca ter faltado um dia ao trabalho nem a uma visita ao IPO, por mais curta que fosse. Ou por ter vivido alguns meses de incerteza quanto ao desenrolar da minha segunda gravidez, visto ter apanhado uma infecção que poderia ter afectado o bebé e que exigiu exames, um ou dois curtos internamentos para tratamentos, mais uma vez sem nunca ter faltado ao trabalho. Por todos os dias que fui trabalhar doente, com febre, devido a repetidas pielonefrites que tive ao longo destes anos. Por todas as vezes que tinha que deixar o conforto da casa e da cama para ir rumo a Famalicão. Por todos os casos de insucesso.

Gratificante pelo contacto com os animais e a natureza. Pela experiência e conhecimentos adquiridos. Pela acção. Pela adrenalina. Pelos sucessos alcançados. Pela possibilidade de tentar construir algo melhor, fazer a diferença ou simplesmente ajudar um animal doente ou dar esperança a um produtor cansado da sua luta. Pelos partos e cirurgias que fiz grávida, com uma barriga enorme, que me fizeram sentir a mulher mais forte do mundo. Pelo orgulho que sentia quando os meus filhos diziam: "a mamã é méquida das vaquinhas" ou então "não, não, a mamã não cheira mal, a mamã cheira a vaquinhas!"

OPP

A Secção de Defesa Sanitária, uma das secções mais antigas na cooperativa, apresenta, uma vasta panóplia de serviços, o que me obrigou a estudar bastante, pois até aí nunca tinha contactado com a grande maioria dos assuntos:

- Identificação Animal;
- Execução dos Programas Nacionais de Erradicação de doenças anualmente protocolados com o Estado, no âmbito do Plano Nacional de Saúde Animal com todas as competências e obrigações implícitas para a OPP;
- Prestação de serviços administrativos: Posto Informático do Sistema Nacional de Informação e Registo Animal (SNIRA), Posto de Recolha de Candidaturas aos Prémios do Instituto do Financiamento da Agricultura e Pescas (IFAP), emissão de vários tipos

de Guias Sanitárias, venda de impressos, actualização de livros de existências, auxílio no contacto com o Sistema de Recolha de Cadáveres (SIRCA);

- Desparasitação animal: produtos diferenciados consoante aptidão (carne e leite), fase de produção (lactação, secagem, recria) e espécie animal (bovinos ou pequenos ruminantes);
- Vacinação para Língua Azul (LA) durante o período em que vigorou;
- Programa de Vacinação para IBR (vacina monovalente marcada) e BVD (vacina monovalente), com registo informático de todas as vacinações, reforços, animais intervencionados sob a responsabilidade dos médicos veterinários da cooperativa;
- Vacinação animal: IBR, BVD, clostridioses, patologias respiratórias ou outras patologias a pedido do detentor dos animais e sob a orientação do Médico Veterinário Assistente da exploração;
- Aplicação de produtos diversos: produtos para controlo de insectos para animais ou instalações, desinfectantes para instalações, outros;
- Colheitas de amostras biológicas, tais como troncos cerebrais, sangue, leite individual e do tanque e outras para diagnósticos laboratoriais diversos (ex. BRSV, PI-3, neosporose, clamidiose, LA, leptospirose, paratuberculose) em parceria com o laboratório Segalab e outros laboratórios privados;
- Apoio técnico: interpretação de resultados laboratoriais diversos, tais como análises microbiológicas e químicas de águas e identificação microbiológica e antibiogramas em mamites subclínicas, clínicas e para secagem;
- Divulgação e esclarecimento de todas as regras e medidas sanitárias, e não sanitárias, obrigatórias que foram sendo emitidas pelas Autoridades Oficiais, das quais saliento as mais polémicas e que portanto, me marcaram: Testes de Pré-Movimentação (TPM), Requisição e Receita Médico-Veterinária e Livro de registo de medicamentos, novas regras de Movimentação Animal devido à LA, Vacinação obrigatória massiva dos ovinos para a LA-S1, Vacinação voluntária dos bovinos LA-S8, Identificação Eletrónica dos PR, Pesquisa da Brucelose por Elisa no leite, novas regras no âmbito do Plano de Controlo e de Erradicação da Doença de Aujeszky, entre outras que provavelmente se perderam na minha memória.

A OPP de Famalicão abrange todo o concelho, actualmente com 34 freguesias (antes eram 46) e um efectivo de mais de 18000 Bovinos e pouco mais de 1500 Pequenos Ruminantes inscritos. Nos últimos 9 anos o número de bovinos diminuiu aproximadamente em 2000 animais, mas o número de explorações sofreu um decréscimo proporcionalmente bem maior, reflexo do estado actual do sector agrícola, mas em especial, do sector leiteiro. Como médica veterinária executora as minhas funções obrigatórias eram:

- Acompanhar as brigadas sanitárias, na visita a todas as explorações calendarizadas conforme publicado em edital - dia, freguesia e lugar;
- Assegurar a implementação prática das regras sanitárias em vigor para o concelho e realizadas pela brigada, sob a minha responsabilidade;
- Confirmar que todos os elementos da brigada mantinham uma postura e atitude adequadas à função, mantendo um conjunto de procedimentos técnicos, de higiene e segurança, de respeito pelo bem-estar animal e de rigor na recolha de todas as amostras e informações, em cada exploração saneada;
- Realizar a Prova de IDTC nos animais intervencionáveis, e no prazo adequado exequível com a leitura rigorosa dos resultados;
- Fazer a vacinação se fosse caso disso;
- Verificar a actualização de todos os boletins sanitários de bovinos e pequenos ruminantes intervencionados, e toda a informação sanitária neles presente, e proceder à sua assinatura.

A estas tarefas acrescentei todas as outras que qualquer um dos outros elementos da brigada executava. Não só porque considero que, para coordenar, tenho que saber como se faz qualquer tarefa, como também porque gosto de saber fazer de tudo. Por isso, conduzi, fiz a contenção dos animais, o que por vezes implicava saltar para o meio dos animais para lhes por uma corda ou fazer uma laçada e com uma vara "pescá-los" literalmente, entre outras técnicas. Colhi os sangues e desparasitei. Fiz aquilo que era o menos desejado pela maioria, apesar de ser a tarefa que envolve menos esforço físico no campo - "fazer a escrita":

- Confirmar todos os boletins sanitários individualmente;
- Preencher a folha de campo com toda a informação sobre as intervenções feitas em cada animal (se foi identificado, se tinha os dois brincos, se foi feita colheita de sangue, se foi feita a Prova de IDTC e respectivos índices, se foi desparasitado e/ou vacinado, qual o produto aplicado, etc);
- Preencher as etiquetas com o número de ordem e o número do animal, que eram apostas em cada tubo de sangue;
- Fazer o recibo com todos os dados necessários para facturação.

Neste modelo organizacional da Sanidade Animal o médico veterinário coordenador é o interlocutor com a autoridade veterinária competente, Direcção Regional de Agricultura (DRA), Laboratório Acreditado (Segalab) e Direcção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV), para todos os assuntos de natureza técnico-científica. Assim, para além de executora, como coordenadora da OPP tinha algumas responsabilidades e obrigações acrescidas:

- Proceder ao envio atempado às Direcções de Serviços Veterinários (DSV) da calendarização das acções sanitárias que necessitam de publicitação por Edital;
- Elaborar o programa sanitário anual, apresentá-lo à direcção da OPP e submetê-lo à DRA competente para aprovação;
- Envio da calendarização das acções sanitárias da responsabilidade de cada um dos veterinários executores (máximo de 10000 bovinos adultos/ano, ou o equivalente na relação de uma cabeça normal para sete pequenos ruminantes);
- Coordenar e assegurar a boa execução do programa sanitário aprovado;
- Proceder a visitas periódicas e sistemáticas, para efeitos de verificação das condições higiénicas e de bem-estar animal relacionadas com as medidas de profilaxia e manejo;
- Elaborar relatórios técnicos mensais e anuais a enviar à DRA, onde deve constar a evolução da classificação sanitária dos efectivos, o resultado das acções executadas de modo a permitir à DRA a correcta avaliação dos níveis de execução, fundamental para que a OPP tenha direito à subvenção atribuída pelo Estado;
- Emitir e enviar os Pedidos de Pagamento, uma vez alcançadas as taxas de execução exigidas e dentro dos prazos exigidos;
- Identificar e informar a DGV, através da DRA, das anomalias e irregularidades detectadas, nomeadamente no movimento animal, especialmente depois da entrada em vigor dos TPM e das novas regras implementadas devido à LA;
- Coordenar e orientar a actividade dos médicos veterinários executores e das brigadas;
- Entre outras que foram surgindo pontualmente ao longo dos anos, e que já não me recordo.

Devo salientar que para fazer a maioria destas tarefas tive a enorme ajuda do administrativo da OPP. O meu colega de trabalho preferido e grande amigo. Para além de mais de 20 anos de experiência no campo, tem vastos conhecimentos das regras de sanidade que lhe foram transmitidos nas acções de formação dos primeiros ADS em 1986 e que foi actualizando ao longo dos anos, imensa experiência na utilização do software PISA, já que é ele quem actualiza diariamente a base de dados com todas as informações vindas do campo. De forma paciente e simpática partilhou comigo a grande maioria desses conhecimentos.

Clínica e Cirurgia

A prestação de serviços de clínica e cirurgia não apresentava uma estrutura tão organizada como a descrita para a Secção sob a minha responsabilidade. E ao longo dos anos foram surgindo alterações. As chamadas para consultas eram feitas quer para a cooperativa, quer para os nossos telemóveis individuais. Ambos os telemóveis estavam ligados 24h por dia,

excepto ao fim-de-semana, em que alternadamente um deles era desviado para o que estivesse de serviço. A grande maioria das consultas era feita depois de terminado o trabalho de sanidade, a não ser que se tratasse de uma urgência e nesses casos tínhamos que abandonar a brigada. No caso das visitas reprodutivas, geralmente eram agendadas para as quartas e quintas-feiras pois eram dias mais livres na OPP.

Pouco tempo depois da minha entrada foi feita uma parceria com o Segalab para prestarmos um serviço organizado de acessoria técnica em Qualidade do Leite, com visitas mensais às explorações aderentes.

Houve também um período de muito trabalho de clinica quando a cooperativa fez uma parceria para importação de vacas recém-paridas e novilhas gestantes. Eramos nós que prestávamos o serviço clínico e cirúrgico de todos esses animais durante o período de cobertura do seguro. Serviu para trabalharmos em todas as vacarias do concelho que tivessem importado animais através da cooperativa, para além das explorações em que já trabalhávamos habitualmente.

Revela-se difícil apresentar a casuística do meu trabalho ao longo dos nove anos de actuação na Cooperativa de Famalicão. Posso todavia dizer que julgo ter feito tudo o que qualquer outro colega que trabalha na mesma área de actividade e área geográfica faz:

- Na medicina assisti pneumonias, metrites, retenções placentárias, mamites, partos, partos distócicos, fetotomias, prolapsos vaginais ou uterinos, hipocalcémias, cetoses nervosas, "síndrome de vaca caída", "fígado gordo" acidoses ruminais, "diarreias víricas invernais", gastroenterites e patologia respiratória em vitelos, entre muitas outras patologias;
- Na cirurgia realizei a correcção de deslocamentos de abomaso à esquerda (DAE) e à direita (DAD) sem e com torção, torção de ceco, cesarianas, hérnias umbilicais, castrações, episiotomias e episiorrafias, pequena cirurgia de tetos, remoção de massas e tumores, remoção de tetos supranumerários, entre outras cirurgias;
- No apoio reprodutivo fiz diagnósticos de gestação por método manual e com ecógrafo, protocolos de sincronização de cios e outros protocolos hormonais para melhorar a performance reprodutiva das explorações;
- No apoio ao controlo de mamites realizei, por exemplo, visitas regulares para avaliação de dados do contraste leiteiro, de provas de estábulos e de resultados laboratoriais obtidos em amostras de leite individuais e de tanque, avaliação de procedimentos de ordenha e aconselhamento sobre higiene e manutenção das camas, entre outras actividades;

- Também fiz clínica e cirurgia numa grande exploração de produção de leite de cabra: a casuística mais comum nesta exploração eram partos distócicos e cesarianas, e como o rebanho estava infectado com paratuberculose, era feita a vacinação regular, devidamente autorizada;
- Gostava ainda de salientar alguns casos que me marcaram especialmente: Vacas recém-importadas que mordiam os próprios tetos (todos os animais eram alemães e vinham da mesma exploração); meia dúzia de recidivas de DAE (todas elas na mesma exploração e no mesmo ano); um incêndio numa das maiores explorações do concelho, em que foi possível assistir e recuperar animais com queimaduras profundas em 15 a 20% da superfície corporal; um parto distócico complicado numa vaca galega que exigiu realização de uma fetotomia "parcial", numa noite de luar, no meio de um silvado recôndito, sob iluminação dos faróis de um trator e ao som de tiros de caçadeira (o proprietário da quinta julgava que o ruído seria um assalto); um parto distócico numa vaca cruzada de Alentejana que realizei grávida de seis ou sete meses, com uma barriga que já me pesava bastante, em que foi possível evitar a cesariana - o vitelo nasceu vivo e meses mais tarde foi parar ao prato de alguns dos meus familiares (eu não consegui comer!); uma cesariana noturna, sob iluminação dos faróis do meu carro, nessa mesma exploração apenas quinze dias depois; um prolapso uterino que me pareceu interminável e o mais difícil que alguma vez tinha realizado, pois sentia que o meu corpo não respondia aos comandos do meu cérebro (só quando cheguei a casa percebi que estava com 40°C de temperatura, passei parte da noite numa urgência hospitalar a soro, devido a uma pielonefrite); um caso de fratura dos metacarpos de ambos os membros anteriores numa vitelinha linda que se veio a tornar uma das melhores produtoras da exploração; e tantos outros casos que estão na minha memória como se tivessem ocorrido ontem.

Ao longo dos anos foram feitas algumas iniciativas com vista à inovação, melhoria dos serviços técnico-científicos prestados e fidelização, entre as quais destaco:

- Colóquios com temas relevantes especialmente para os produtores de leite, alguns realizados em parceria com outras entidades ou apenas pelos médicos veterinários da cooperativa;
- Aquisição de software informático para apoio reprodutivo às explorações;
- Aquisição de ecógrafo para o apoio reprodutivo às explorações;
- Entre outras.

As condições de trabalho foram difíceis desde os primeiros dias, mas a vontade de trabalhar, de aprender, de conhecer novas realidades, cada nova experiência, cada novo caso

clínico, iam alimentando o ânimo. A paixão pelo trabalho no campo e principalmente pelos animais ia crescendo. Aprendi a compreender as vacas, adorava estar sozinha com elas, observá-las, ver e ouvir o que elas tinham para me dizer. Claro que não gostava de todas, pois, tal como as pessoas, todas elas têm a sua individualidade e por isso algumas até convinha mante-las à distância!

Sentia uma grande satisfação por cada caso de sucesso que ia surgindo, e de cada insucesso tentei retirar sempre algum ensinamento, embora alguns tenham ficado por compreender na totalidade.

Mas a rotina instalou-se, algumas das dificuldades que foram surgindo tornaram-se mais difíceis de superar, outras por tanto as ter evitado ou contornado tornei-as permanentes. Surgiram problemas financeiros na cooperativa que obrigaram a alterações nas condições de trabalho, que sempre aceitei sem qualquer hesitação. Algumas delas, embora me prejudicassem a mim mais que a qualquer outro funcionário, foram mesmo propostas por mim, na tentativa de ajudar a resolver o insolúvel. Houve ordenados em atraso durante alguns períodos e despedimentos, o que agravou pequenos problemas que noutras circunstâncias nem existiriam. Mas mais importante ainda, o trabalho foi diminuindo quer na OPP, quer na clínica e cirurgia, e os tempos mortos foram aumentando. O que havia para aprender foi acabando, os estímulos necessários para manter o meu cérebro activo e para eu me sentir feliz e realizada desapareceram... Não conseguia olhar para o meu futuro e ver-me ainda ali, estagnada como as águas de um lago morto. Presa ao único objectivo que mantém a grande maioria das pessoas que é o fim do mês. Eu não quero o fim do mês, eu quero o fim de cada dia, pois sei que de seguida vem um novo dia, com novos desafios, novas aventuras, novos horizontes. E para isso tenho que mudar de rumo e procurar novos mundos! Porque afinal sou portuguesa!

Cessei as minhas funções como médica veterinária da cooperativa no dia 1 de Novembro de 2013, exactamente ao fim de nove anos de trabalho. Foi uma decisão pessoal que demorou longos meses, eu acho mesmo que demorou anos, a ser tomada... Acho que a mais difícil e dolorosa que alguma vez tomei e terei que vir a tomar...

"Porque o que mais custa a suportar não é a derrota ou o triunfo, mas o tédio, o fastio, o cansaço, o desencorajamento. Vencer ou ser vencido não é um limite. O limite é estar farto."

Virgílio Ferreira

CONCLUSÃO

Sinto que tive uma boa preparação durante todo o meu percurso académico mas em especial durante a faculdade. Tal como já relatei, recordo a faculdade como tempos um pouco difíceis e exigentes, mas por outro lado, eu sou exigente comigo e pode ser por isso que os senti assim. Não saí do ICBAS com todos os conhecimentos necessários para desempenhar todas as minhas funções, mas também acho que não é suposto tal acontecer, aliás, parece-me impossível tal acontecer. Admito que a área da nutrição animal tenha sido um pouco descurada mas, mais uma vez, eu própria posso não a ter valorizado adequadamente. Nessa altura não fazia ideia da relevância que tem no trabalho com animais de espécies pecuárias. Seria mais fácil dizer que as falhas que tenho, as dificuldades com que me deparei, os erros que cometi, são por culpa ou responsabilidade de terceiros. Mas eu não acredito nisso. Eu devia ter feito mais e melhor. Mas por outro lado, como podia eu aprender mais coisas se não tinha junto a mim com quem aprender? Ou pior, se não podia ir até quem me pudesse ensinar!? A formação contínua, congressos, acções de formação, especializações, só é possível para quem tem tempo ou oportunidade. O tempo pode ser gerido por nós, já as oportunidades, não dependem do nosso esforço ou vontade!

No meu percurso de trinta e poucos anos, aprendi que não é totalmente verdade que o futuro depende apenas do meu esforço, tal como era até então a minha convicção.

O mar da vida não tem fim à vista... a minha viagem terá a rota que eu traçar diariamente, mas o destino final depende sempre de factores que nem sempre posso, controlar... tenho que dar o meu melhor ao leme do barco, mas sem olhar muito para o horizonte, a confiar apenas nas estrelas que me guiam!

E para isso há que conhecer as estrelas, coisa que a minha família me ensinou. Depois, há que aprender a ler as estrelas: os professores, os nossos amigos, as pessoas que consideramos modelos a seguir, a universidade, e o meu empenho nessa aprendizagem, servem para isso. Por fim, há que aprender a interpretar as estrelas, e aí está o mais difícil de fazer, pois a interpretação é individual e é o resultado de vários factores associados: conhecer as estrelas, ler as estrelas, aprender com as experiências negativas e positivas, nossas, dos outros... e então por em prática as nossas decisões. Agir! E nem sempre as nossas acções têm o resultado esperado. Das ilhas que vamos descobrindo pelo caminho, só em algumas podemos ou devemos atracar... para recuperar forças, para conhecer, para aprender... mas tempestades surgem sempre, brandas ou mais devastadoras. O importante é não desistir.

Mas haverá sempre um porto seguro!

E seguimos viagem!

"A nossa maior glória não reside no facto de nunca cairmos, mas sim em levantarmo-nos sempre depois de cada queda."

Confúcio

ANEXO

Fazendo a retrospectiva destes nove anos, sinto que fiz muito pouca formação. Queria ter feito muito mais, devia ter feito muito mais. Também sei que fiz a que me foi possível. Quanto ao passado nada posso mudar. Devo olhar para o futuro. É isso que pretendo fazer, investir em mim, na minha formação, nos meus conhecimentos, mas admito que a minha prioridade é trabalhar. Gosto de trabalhar. Preciso de trabalhar para manter a minha sanidade e realização.

Formações:

2006 - Formação em HACCP, tendo em vista a certificação (inclui ISO 22000)

2008 - Formação Pedagógica de Formadores para obtenção do Certificado de Aptidão Profissional - CAP

2012 - Formação de Actualização de Médicos Veterinários Executores das OPP

Participações:

2004 - III Congresso dos Veterinários da Macaronesia - Ponta Delgada - Açores

2004 - Second European Symposim on BVDV Control - Porto - Portugal

2005 - Simpósio "Desafios actuais e futuros da vaca leiteira de alta produção" - Vila do Conde - Portugal

2006 - Conferência "Desafios Sanitários e Serviços Veterinários" - Lisboa - Portugal

2007 - XI Jornadas da Associação Portuguesa de Buiatria - Aveiro - Portugal

2009 - I Encontro de Saúde Pública Veterinária do Porto - Porto - Portugal